Globethics Repository

Globethics

Pelo caminho do avivamento ou pela manutenção de seu ethos germânico [Through the path of the revivals or through the maintenance of its German ethos]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	da Silva Alves, Fernando Antonio
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-15 15:30:26
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/235051

Pelo caminho do avivamento ou pela manutenção de seu *ethos* germânico: os caminhos da unidade para a IECLB

Through the path of the revivals or through the maintenance of its German ethos: the unit paths for the IECLB

Por Fernando Antonio da Silva Alves
Doutorando em Direito Público (UNISINOS)
Professor de Direito (Faculdade Dom Alberto)

Resumo:
A Igreja Luterana vive uma profunda reflexão histórica sobre suas origens e sobre seu futuro enquanto comunidade cristã, frente ao aumento substancial de brasileiros considerados evangélicos, que aderem à religiosidade cristã, nas últimas décadas do século XX. Observa-se como se deu a identidade luterana no Brasil, vinculada ao mesmo tempo com seu legado histórico e étnico, com novos exercícios da espiritualidade, com acentuada preocupação social, mediante a influência da teologia da libertação, ou com novos propósitos de evangelização, com o surgimento de novos avivamentos, culminando na formação de concepções "encontristas" para uma afirmação de uma identidade luterana. Este artigo tem a proposta de contribuir historicamente para uma eclesiologia sobre a igreja luterana, unindo sua intervenção social sem perder sua identidade como igreja oriunda da Reforma, e sem deixar de ser uma instituição eclesial genuinamente brasileira, identificada plenamente com os anseios e com os traços culturais do povo brasileiro.

Palavras-chave:
Eclesiologia. Identidade evangélica. Espiritualidade. Igreja e transformação social.

Abstract:
The Lutheran church lives a deep historical reflection about its origins and its future as Christian community, in front of substantial increase of the "evangélicos" on the last decades of the 20th century. Considering how the Lutheran identity was built, linked at the same moment with your historical and ethnic legacy, with new exercises from spirituality, with social concern, influence from theology from liberation, or with new purposes of preacher, with the becoming of new revivals, culminating on formation of "encontristas" conceptions for a affirmation of a Lutheran identity. This essay has the proposal of contributing historically for a ecclesiology about the Lutheran church, joining your social intervention without losing your identity as a church originated from Protestant Reform, and without leave of being an ecclesial institution purely Brazilian, identified mainly with wishes and culture of the Brazilian people.

Keywords:
Eclesiology. Evangelical Identity. Espirituality. Church and Social Changing.

A IECLB é uma igreja com várias singularidades. Se for utilizada a expressão "igrejas" ao invés de igreja, talvez se esteja definindo melhor uma instituição relativamente pequena, mas que revela uma federação de grupos religiosos com interesses e interpretações diversas acerca da doutrina de Lutero, do que necessariamente uma igreja una, dotada de uma única identidade. Na unidade do corpo de Cristo, encontra-se uma múltipla diversidade que, no caso do povo luterano no Brasil, revela uma extensa passagem em solo nacional desde a chegada dos primeiros imigrantes germânicos com sua fé singular. Jornada essa que, em alguns aspectos, chegou a retirar o atributo de uma igreja tão-somente étnica em suas origens.

Mas o que é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e qual seu papel para a formação e crescimento do protestantismo brasileiro? Talvez

para quem observe com o olhar externo, de quem não faz parte desta confissão, a IECLB seja pouco diferente de sua co-irmã, a IELB, e como igreja da Reforma seja apenas uma igreja de origem germânica, cujo principal traço diferencial seja interpretar a Bíblia conforme as reflexões teológicas de Martinho Lutero. Ou talvez seja um pouco mais. Em sua paradoxal crise e ebulição, a IECLB parece ser uma longa construção eclesiástica, associada paulatinamente à cultura nacional e assimiladora dos traços distintivos do povo brasileiro, por uma caminhada inteira em solo nacional, não sem antes ter presenciado muitos conflitos internos, entre crentes históricos e avivados.

O objetivo deste ensaio é menos um relato do que um primeiro estudo sobre a fascinante trajetória de uma comunidade cristã, em uma suposta crise de identidade, mas que busca com a crise os caminhos para superar os obstáculos e singrar os desafios que a esperam numa tormentosa e incerta pós-modernidade. Naturalmente, o caráter do texto não é conclusivo, e, ao contrário, tem ares muito mais propedêuticos, mas o ponto de partida da discussão, sob enfoques tão díspares, quanto complementares, a serem adotados pelo emprego de pressupostos teológicos, históricos e sociológicos, talvez seja útil para se fazer uma primeira análise do que seja a IECLB hoje, e de como se manifesta uma dimensão do protestantismo no Brasil, num atestado crescimento do povo evangélico em solo nacional. A pergunta inicial, "seremos todos evangélicos?", pode ser provocativamente substituída por outra, relacionada com o caráter reflexivo e plural de como se apresenta a igreja luterana no Brasil, da seguinte forma: será que seremos todos luteranos? As respostas encontram-se em Deus, e nos achados que Ele nos lega no decorrer da história.

O problema: racionalistas e espiritualizados: uma falsa dicotomia eclesial?

Quando o bispo anglicano Robinson Cavalcanti conta sua experiência de conversão, no período em que congregou na IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), ele falou que cultivava o desejo de visitar a Europa, em sua adolescência, e conhecer um país protestante.[1] Ele conta que ao pensar que na Suécia 97% da população era luterana, ele imaginava, deslumbrado, um país em que multidões de pessoas iam aos cultos todos os domingos, com a Bíblia debaixo de braço. Ao ingressar na universidade, ele contou o quanto se decepcionou quando soube que nesses mesmos países europeus os protestantes eram tão e simplesmente *nominais*, ou seja, não eram necessariamente crentes praticantes, e os bispos eram nomeados pelo Estado, atuando nas paróquias mais como funcionários públicos, ocupando um cargo de relevância social, do que como ministros vocacionados e chamados pelo Espírito Santo. Na verdade, tratava-se de uma fé passada por decreto, e de uma cultura teológica universitária fortemente influenciada pelo racionalismo, onde nas faculdades de teologia, aqueles chamados de luteranos, calvinistas ou anglicanos, não acreditavam, necessariamente, no que Lutero, Calvino ou Cranmer escreveram.

Ao analisar o protestantismo de imigração no Brasil, Gedeon Alencar observa que a vinda dos luteranos para o país no século XIX, nos ciclos migratórios impulsionados pela abertura dos portos pela Coroa Portuguesa, com a vinda de Dom João VI, serviu muito mais como reforço de uma identidade cultural germânica, isolada de outras comunidades, em uma terra estranha, do que pelo surgimento de uma comunidade religiosa com preocupações evangelísticas. Ao citar os estudos de Dreher acerca da imigração protestante no Brasil, Alencar ressalta que o projeto da Coroa para permitir a imigração protestante no Brasil tinha como objetivos: o branqueamento da raça face à degeneração da mestiçagem (sobretudo com o negro); a eliminação das nações indígenas como consolidação de um projeto nacional de colonização e subjugação desses povos e sua substituição por outros, mais submissos e propensos a trabalhar na produção agrícola; o preço barato da mão-de-obra; a necessidade de construção e conservação de estradas; e a criação de uma classe média de pequenos comerciantes em

[1] CAVALCANTI, Robson. Protestantismo: o que deu errado? *Revista Ultimato*. Viçosa, n. 306, maio/jun. 2007. p. 36-37.

um nascente capitalismo, com camadas sociais intermediárias entre os latifundiários e escravos.[2]

Sabe-se que os primórdios da imigração não foram fáceis para a comunidade luterana, espalhada territorialmente pelos estados do sul e sudeste do Brasil, principalmente no sul do país e no Espírito Santo. Apesar de algumas comunidades virem de seu país de origem com seus pastores, os luteranos encontraram uma série de embaraços legais para o exercício de sua fé em solo brasileiro, sobretudo no tocante ao reconhecimento do casamento protestante, uma vez que até a Proclamação da República vigorava no país o direito canônico católico, que estabelecia o reconhecimento jurídico das uniões civis.[3]

Com sua crescente integração com a sociedade brasileira, em períodos históricos posteriores, sobretudo na segunda metade do século XX, os luteranos passaram a se tornar crentes engajados nas lutas sociais, com participação ativa nos conflitos no meio rural, com alguns membros da comunidade cristã envolvidos na formação e desenvolvimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no sul do país, como também na área acadêmica, na fundação de escolas, e no surgimento, na década de setenta, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), uma das maiores instituições de ensino superior privado no país, de origem confessional, assim como os católicos, décadas antes estabeleram as Pontifícias Universidades Católicas (PUCS), e os presbiterianos de São Paulo, a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Ainda na da década de setenta, com o desenvolvimento da Teologia da Libertação, setores vinculados à Igreja Luterana se manifestaram acerca de um compromisso da Igreja com os mais pobres, manifestando certa simpatia à nova teologia latino-americana, desenvolvida por Gustavo Gutierrez, formando pastorais luteranas engajadas em movimentos sociais, com integrantes simpatizantes de partidos de esquerda, quando não filiados a movimentos socialistas. Nessa comunidade, o chamado discurso socioprofético foi responsável pela formação, na IECLB, da Pastoral Popular Luterana, a PPL, movimento de obreiros e obreiras socialmente engajado, envolvido em lutas sociais de maiorias e minorias oprimidas, tais como: moradores de rua, homossexuais, negros, mulheres, população indígena e trabalhadores sem-terra.[4]

Foi também na segunda metade do século passado, que a igreja luterana deixou de ser composta tão-somente por um segmento histórico e étnico, de caráter tradicionalista, no seio da IECLB, e passou a contar em seus rebanhos com obreiros leigos, interessados no estudo bíblico e na evangelização, agrupados principalmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, formando o chamado *Movimento Encontrão*, e tendo como principais instituições representantes desse movimento a Faculdade de Teologia Evangélica de Curitiba (FATEV) e a agência missionária *Missão Zero*, com forte influência da MEUC (Missão Evangélica União Cristã), movimento evangélico com missionários avivados oriundo da Alemanha, que traziam ao Brasil os princípios do pietismo alemão, com ênfase na conversão individual e no estudo bíblico.[5] Os luteranos encontristas, diferente de seus irmãos históricos e étnicos, passaram a valorizar menos o discurso étnico de identidade cultural e histórica com a Alemanha, e passaram a se integrar mais no cotidiano das diversas igrejas evangélicas brasileiras, com ênfase na missiologia e na evangelização.[6] Outra característica marcante desse segmento luterano é seu reavivamento espiritual, em cultos que lembram pouco à oficialidade sacramental das comunidades históricas, com sua cerimônia, vestimenta e hinos característicos, uma vez que os encontristas são defensores de uma forte renovação litúrgica, com maior participação do ministério de leigos, ênfase no louvor e na dimensão espiritual do culto, não

2 ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim*: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte, 2005. p. 39.

3 DREHER, Martin. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 52.

4 HOFFMAN, Arzemiro. A identidade luterana e seus desdobramentos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no BRASIL nas últimas décadas. In: WEINGAERTNER, Martin (Ed.). *Perfil luterano em debate*. Curitiba: Encontro, 2003. p. 21.

5 HOFFMAN, 2003, p. 17.

6 Ressalte-se a participação dos luteranos encontristas no primeiro Congresso Brasileiro de Evangelização, em 1983, contando com a participação de várias igrejas evangélicas, de diversas denominações, preocupados com o evangelismo e a missão. HOFFMAN, 2003, p. 23.

raro com acentuado emocionalismo, recurso aos dons do Espírito Santo (como a cura) e desapego ao formalismo de vestes litúrgicas.

Desta forma, percebe-se para aqueles que assistem aos cultos das diversas vertentes da IECLB, que suas comunidades estão longe de manterem uma uniformidade típica dos primeiros grupos de imigrantes religiosos que vieram, principalmente, da Alemanha. Num contingente nacional hoje formado por 18 Sínodos, sem contar com o contingente de fiéis vinculados ao Sínodo Missouri, originalmente formado por pastores luteranos oriundos da América do Norte, que formaram a IELB, a comunidade luterana não chega a ter os oito milhões e cem mil membros que possui a Assembléia de Deus, igreja pentecostal que apresenta, pelo censo de 2000, o maior contingente de evangélicos do país.[7] Entretanto, sua distribuição pelo país é evidente, estando em quase todos os estados brasileiros (com exceção do Acre, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas), com um potencial de crescimento que, necessariamente, envolve a participação de membros ligados a uma ou outra corrente de pensamento da IECLB.

Não obstante possuir a IECLB três vertentes básicas de expressões teológicas que traduzem seu perfil (históricos, engajados e avivados), resta saber se essa convivência é pacífica, e se não é possível a manutenção de uma identidade luterana onde seus fiéis conservem os atributos das três vertentes. Pergunta-se se um crente luterano pode ser, ao mesmo tempo, histórico-racionalista, avivado e espiritualizado, ou socialmente engajado. O discurso de unidade da comunidade cristã pode ser invocado, tomando por base a exortação de Paulo, na passagem bíblica em Efésios 4.2-6, em que o apóstolo trata de uma igreja de humildes e dóceis, que suportam uns aos outros com amor, esforçando-se para conservar a unidade do Espírito pela paz num só corpo, num só Senhor, numa só fé, num só batismo, e num só Deus. Pergunta-se se o crente encontra-se numa só igreja, quando no mesmo templo, reúnem-se pela manhã determinados membros que celebram um culto tradicional, com emprego de vestes litúrgicas e falado em alemão, e durante a noite comparecem membros totalmente diferentes para o culto noturno, celebrado de forma totalmente distinta do culto matinal, porém, mais assemelhado ao culto de tantas igrejas evangélicas do país, independente da denominação religiosa, como ocorre nas igrejas luteranas vinculadas ao Movimento Encontrão.

Será que os crentes avivados são realmente mais espiritualizados que seus irmãos históricos e tradicionalistas? Ou será que os membros históricos da IECLB são mais críticos e engajados socialmente do que seus irmãos avivados? Na verdade, a resposta a essas questões poderia ser resolvida com outra pergunta: será que há realmente diferença entre ambos? A pergunta pela identidade de uma comunidade cristã deveria partir de seus pressupostos enquanto uma comunidade cristã, comprometida com o Evangelho, e com o traço característico de ser uma comunidade resultante de uma igreja com séculos de experiência histórica e surgida a partir da Reforma, através de seu mais notável expoente. Diferentemente dos crentes a que se referiu com certo desapontamento o bispo Robinson Cavalcanti, os "verdadeiros" luteranos poderiam ser identificados pelo exercício de sua crença, relacionada com a teologia de Lutero, mais do que diferenças formais no tocante à celebração do culto e ao papel conferido à liturgia. Na verdade avivados seriam todos os cristãos tocados pela graça de Deus em sua grandiosidade, pelo sopro impetuoso do Espírito Santo. Porém, para a formação dessa identidade, torna-se necessário compreender qual o conceito e a função do despertamento, para a construção de uma identidade eclesial.

Os despertamentos e a formação de uma identidade cristã diferenciada

Na época de John Wesley, no século XVIII, já se vivia uma dicotomia na igreja entre racionalismo e avivamento, marcando profundamente a história do movimento protestante o confronto entre ortodoxos e pietistas na Europa.[8] Enquanto os ortodoxos aproximaram-se mais do racionalismo,

7 ALENCAR, 2005, p. 57.

8 FLUCK, Marlon Ronald. *Protestantismo se reformando nos séculos XVII e XIX*: confessionalização, pietismo e reavivamentos. Curitiba: Companhia de Escritores, 2009. p. 30-35.

vindo a introduzi-lo nos cultos, a ponto das pregações se transformarem em autênticas palestras teológicas, que afugentavam o povo mais simples e humilde das igrejas, os pietistas enfatizavam o despertamento espiritual pela palavra de Deus, a necessidade da conversão genuína, a leitura bíblica na comunidade e, sobretudo, a prática do amor. Uns procuravam racionalizar sua fé, enquanto outros abandonavam a razão e procuravam seguir a Deus em seus corações.[9] Havia no horizonte da Reforma aqueles integrantes da comunidade da igreja que privilegiavam a razão, como fator preponderante para a organização da igreja e para o seguimento correto da justa doutrina, enquanto outros, como os *quakers*, recebiam esse nome ("os que tremem") porque em seus cultos deixavam a razão totalmente de lado, entregando-se a suas emoções de forma até grotesca, chegando a uivar e a gritar, assustando os animais das redondezas, como cães, porcos e cavalos, correndo como loucos de um lado para o outro. O excesso emocional era típico dos cultos religiosos protestantes na América do Norte, e os puritanos, calvinistas radicais, assim como os batistas e os presbiterianos, experimentavam o êxtase de seus avivamentos sem, contudo, deixar de existir grande crise e reflexão quanto aos sobrenaturais efeitos da graça, como o falar em línguas estranhas, por exemplo.

Foi nos Estados Unidos, em 1734, em Northampton, Connecticut, que o ministro calvinista John Edwards, presenciou um fenômeno religioso ocorrido numa comunidade não muito devota, que do dia para a noite assumiu um fervor religioso, despertado pelo sermão emocional de Edwards, que logo se espalhou por outras cidades, como Massachusetts e Long Island. Esse fenômeno foi chamado de *O grande despertar*, em que comunidades inteiras de crentes experimentavam sensações emocionais que iam de uma intensa euforia a uma profunda depressão.[10] O movimento de despertamento iniciado em Northampton contribuiu para dividir a igreja calvinista, e gerou um novo segmento de crentes avivados, com resultados que vão redundar no surgimento do pentecostalismo no século subsequente, e sua consolidação, principalmente no século XX. Na verdade, segundo a análise de Armstrong, nenhuma igreja oriunda da Reforma ficou indiferente aos despertamentos, e, ao contrário, muitos pregadores cristãos consideravam que o Despertar seria uma grande obra de Deus, derramando sua graça por meio da gloriosa ação do Espírito Santo. O culto eminentemente litúrgico, sacramental, apegado ao tradicionalismo e envolvido na repetição de fórmulas, adotando o mero discurso racional, não poderia mais comportar o êxtase repentino, a alegria e a depressão profundas de um culto avivado, no qual os fiéis experimentavam mais do que uma simples reflexão intelectual sobre um trecho da palavra bíblica. A pregação teria que tocar as almas, produzir reações emocionais, e assim, os cultos cristãos nas igrejas protestantes passaram a ser cultos avivados, justamente numa época em que as primeiras comunidades religiosas migraram para o Brasil, especialmente os luteranos.

Avivamento implica em fundamentalismo?

Com o desenvolvimento do puritanismo em território britânico e o pietismo na Alemanha, nos primórdios da Reforma, indaga-se se os movimentos de avivamento e reavivamento no decorrer da história das igrejas protestantes não seriam também elemento fundador do fundamentalismo cristão. O *Grande despertar* vivido pela igreja de Edwards, por exemplo, contribuiu para a crítica calvinista quanto ao racionalismo, mas também impulsionou lideranças políticas de peso, como Sam Adams, um dos partidários do movimento da Independência Americana, que adotavam uma retórica religiosa, ao mesmo tempo em que faziam uma crítica política da sociedade da época, denunciando a corrupção dos funcionários

9 Segundo Wesley, ao criar seu movimento de "metodistas", a religião não era uma doutrina na cabeça, mas luz no coração. ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 98-100.

10 Conforme o registro histórico, esses "renascimentos" de fiéis avivados não raro traziam consequências mórbidas, com casos de suicídio e loucura, quando certo homem em Northampton se suicidou, após ter esmorecido em seu avivamento, por achar que o fim da alegria extática que teve o fadasse à condenação ao inferno, enquanto que duas pessoas enlouqueceram, alegando ter visto estranhas e fantásticas visões. ARMSTRONG, 2001, p. 100.

britânicos na cobrança de tributos da colônia. Se antes líderes deístas e influenciados pelo Iluminismo como George Washington, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin eram vistos com desconfiança pelos crentes conservadores, que relutavam, no processo de independência americana, em romper com a Inglaterra, agora, os líderes revolucionários e pensadores republicanos, como Thomas Paine, falavam em "liberdade", com forte conotação religiosa, pois a liberdade encontrava-se identificada com a graça: era a liberdade dos Evangelhos, a liberdade dos filhos de Deus.[11] As portas da modernidade foram abertas pelos movimentos revolucionários, integrados por aqueles se engajaram na proclamação da independência americana. Foram crentes avivados que participaram do processo revolucionário cuja contribuição serviu para transformar radicalmente o mundo. Portanto, como seria possível ser cristão renascido na fé, sem participação nas principais mudanças sociais de um povo, sem transformação social, sem intervenção neste "mundo"?

Entretanto, com os primeiros despertamentos presenciados em Northampton, ficou claro para alguns que o avivamento significava uma ruptura definitiva com o mundo, e a obtenção da graça de Deus implicava numa interpretação quase que literal das escrituras, para o desenvolvimento de um viver sagrado. Entretanto, o alheamento quase total do crente tornou-se praticamente inviável, quando da necessidade de participação social dos membros da igreja, no engajamento em profundas transformações históricas e sociais, como no processo revolucionário da independência americana, que contou com a colaboração de vários líderes religiosos e homens da igreja. Não se poderia pregar um afastamento das coisas do mundo e um completo isolamento ascético numa sociedade em plena ebulição e carente da intervenção de homens e mulheres da igreja, como sujeitos históricos de transformação.

Será que, portanto, ao se avivar, o cristão necessariamente rompe com este mundo, a ponto de somente compreender literalmente o texto bíblico, tolhendo sua interpretação histórico-crítica, a ponto de se fechar numa igreja meramente espiritual, sem qualquer compromisso com a transformação da sociedade? A resposta também pode ser obtida biblicamente, ao se interpretar o texto da escritura, em Mateus 25.35-36, acerca do julgamento das nações, quando Cristo reafirma o compromisso social de todo servo de Deus, perante seus apóstolos: "aquilo que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo". A danação eterna estaria destinada àqueles que não dão de comer ou de beber a quem necessita, e não acolhem o estrangeiro, e nem aqueles que necessitam de roupas, os doentes e os necessitados. A mensagem de Cristo pode ser interpretada também como mensagem de acolhimento do diferente, pregando um sincretismo religioso com uma forte proposta de transformação social, ao unir os povos da terra sob um mesmo Deus revelado, como também um recado para o devido engajamento do crente, em projetos de transformação social que levem mais água para quem necessita beber e mais comida para quem necessita comer. Uma comunidade acolhedora e defensora da justiça social pode ser entendida como a igreja de Cristo, uma comunidade espiritualizada, sem dúvida, mas também com forte engajamento social. Uma igreja distante da realidade, das coisas do mundo, na verdade, é uma igreja que não aprendeu a transformar este mundo a partir da mensagem bíblica de Cristo.

Um possível exemplo emblemático de formação de uma mesma igreja com diferentes teologias, separando ambientes de cristãos avivados fundamentalistas, de outros, adeptos do mesmo avivamento, mas engajados socialmente numa crítica histórico-social do papel da igreja na sociedade, pode ser vislumbrada nos exemplos da teologia bíblica negra, nos Estados Unidos, com a formação de dois movimentos evangélicos de negros cristãos: um de linha mais fundamentalista, e outro mais engajado socialmente.[12] Se, por um lado, cristãos negros se reuniam nos templos, juntando-se a outros oprimidos para combater o branco opressor, de outro, ativistas cristãos negros

[11] ARMSTRONG, 2001, p. 104.

[12] NASH, Peter Theodore. Negritude na bíblia e na igreja. In: MENA-LÓPEZ, Maricel; NASH, Peter Theodore (Org.). *Abrindo sulcos*: para uma teologia afro-americana e caribenha. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 105.

valiam-se das contribuições da teologia da libertação para aliar esforços no sentido de edificar uma igreja engajada socialmente e comprometida com os pobres, nos termos da teologia de John Cone, mas sem perder seu caráter avivado e fortemente espiritualizado.[13] As igrejas negras norte-americanas são lugares de cultos fervorosos, de louvores emocionados, da música *gospel* cantada a plenos pulmões e em divina exaltação do Espírito Santo, com o bater de palmas, sorrisos, lágrimas e os olhos vidrados de crentes que exaltam o nome do Senhor. Essas igrejas também são locais para profundas reflexões sociais durante as pregações de seus pastores nos púlpitos. A realidade das drogas, das gangues de rua, do desemprego, da ganância capitalista, do racismo, da criminalidade e truculência policial que assolam principalmente a comunidade negra e pobre da periferia norte-americana, equivale às dores sofridas por nossa população negra e pobre da periferia dos grandes centros urbanos, onde igrejas fortemente avivadas, podem também contribuir para uma racional reflexão sobre o papel social da igreja, e de como o povo de Deus deve combater e denunciar as injustiças e a desigualdade social.

Talvez o fundamentalismo decorrente do avivamento seja explicado à luz dos primeiros movimentos organizados, que fizeram a crítica do racionalismo, diante de um modelo de sociedade em crise, como se deu na sociedade ocidental após o mito do progresso da Revolução Industrial ter deixado de surtir efeito no século XIX. Dentre os diversos reavivamentos pelo qual passou a igreja cristã desde a Reforma, digno de nota foi aquele vivenciado pela igreja presbiteriana norte-americana, que, em 1910, diante dos impasses da modernidade, decidiu durante sua assembléia geral, defender os princípios básicos da fé cristã, numa coletânea de escritos chamada *Os Fundamentos*.[14] A partir dali, nos Estados Unidos, o fundamentalismo religioso cristão e o sucesso das teses pré-milenaristas, pregando a segunda vinda de Cristo e a necessidade de um viver ascético, sobretudo após as crises econômicas e guerras (tais como a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão de 1929), ganharam especial relevo, passando a fazer parte do discurso profético de líderes religiosos, sobretudo após momentos de intenso despertar religioso. Foi assim que pregadores como Billy Graham ganharam destaque especial no meio evangélico, passando seus sermões contra a permissividade sexual, a aversão às novas tecnologias e os novos hábitos da sociedade de massa norte-americana a ser reproduzidos em escala global por diversas igrejas, sobretudo nas comunidades latino-americanas.

O evangelicalismo e um novo despertar social em Lausanne: o surgimento da FTL e as reflexões sobre uma teologia pública e espiritualizada

Em 1974, ocorreu o Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, na Suíça, sob a liderança do avivado pastor Billy Graham. Neste congresso, jovens teólogos latino-americanos, como René Padilla e Samuel Escobar, questionaram a evangelização feita pela igreja cristã, afirmando energicamente que o Evangelho para as igrejas necessitaria ser mais bíblico e a Igreja mais fiel.[15] Isso implicava em dizer que a Igreja deveria, de fato, ser mais espiritualizada, não perder seu transcendentalismo, cedendo por completo ao racionalismo, mas também essa mesma Igreja não poderia ceder ao modelo norte-americano do *american way of life*, e a seus valores de acumulação de capital, numa realidade totalmente díspar em relação a uma empobrecida América Latina. Padilla chegou a mencionar o chamado "espírito protestante" de Paul Tillich, contrário a todo tipo de absolutização histórica, seja por obra da religião

[13] Em 1969, publicou uma obra chamada *Teologia Negra*, que se tornou um marco na reflexão teologia sobre o papel bíblico do povo negro nas escrituras, servindo como referência para as lideranças religiosas dos direitos civis e que pregavam a tolerância e a igualdade racial, tais como Jeremiah Wright Jr., da Igreja da Trindade, onde congregava o atual presidente norte-americano, Barack Obama. MANSFIELD, Stephen. *O Deus de Barack Obama*: porque não existe liderança sem fé. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008. p. 65.

[14] PIMENTEL JR., Orivaldo. Quem são os evangélicos? In: BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 81.

[15] ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 150.

ou pela subjugação de uma cultura determinada sobre outras.[16] Disso resultou um histórico documento denominado *Pacto de Lausanne*, criando no seio das comunidades cristãs um novo tipo de evangelicalismo, onde o compromisso espiritual da Igreja era também compartilhado por um necessário compromisso social, mediante uma reflexão histórico-crítica sobre os rumos da sociedade e o papel da Igreja de Cristo, diante desse ambiente social carente de transformação.

Padilla e seus seguidores encabeçaram a formação de um movimento de renovação da Igreja, constituindo em 1971, em Cochabamba, na Bolívia, a Fraternidade Teológica Latino-Americana, importante movimento teológico que teve grande repercussão em Lausanne, e que serviu de inspiração para a formação de um pensamento religioso mais voltado para as comunidades cristãs latino-americanas, identificando a igreja com as lutas sociais desses povos. A abertura da FTL a diversas confessionalidades tornou-se vital para a expansão desse pensamento, no questionamento das iniciativas de uma apropriação *yankee* do discurso religioso das igrejas evangélicas no continente sul-americano e no Caribe.

Com o surgimento do Movimento Encontrão no seio da IECLB, e a ênfase dos luteranos encontristas no labor missionário, desenvolveu-se um projeto evangelístico de intensa relevância social chamado *Missão Zero*, munido de um discurso socioprofético. Com a concepção de que o Evangelho requer a transformação de cada pessoa, mas também a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas da sociedade, este movimento missionário iniciou um importante trabalho de evangelização nos grandes centros urbanos.[17] Hoffman defende um olhar profético sobre a cidade, inspirado na passagem bíblica em Lucas 13.34, entendendo que esse olhar conclama a comunidade cristã a identificar as dores da cidade, e com isso perceber seus causadores.[18] Esta proposta encontra-se plenamente identificada com uma igreja de renovação litúrgica, como se apresentam as comunidades encontristas, como também com o compromisso social outrora assumido pela teologia da libertação, e que, de certa forma, inspirou os teólogos que assinaram o Pacto de Lausanne e inspirou movimentos religiosos de engajamento social como a FTL.

A teologia pública de hoje, entendida como importante faceta do engajamento social do pensamento religioso brasileiro, é endossada não apenas pelas igrejas de missão, mas também pela igreja luterana, através de movimentos como o *Missão Zero*. Nesses movimentos, percebe-se que a preocupação da Igreja não é apenas, naturalmente, a salvação de almas, pela transformação moral de indivíduos mediante uma conversão religiosa, mas também o fomento de consciências críticas acerca dos rumos que vem tomando a sociedade, denunciando a injustiça e a desigualdade social. Ao fazer isso, os obreiros luteranos aproximam-se da realidade social, identificam os principais problemas da comunidade, e, mediante o discurso profético, contribuem para a edificação da Igreja e a formação do povo de Deus, engajando-se em mutirões, realizando acampamentos, acompanhando o trabalho social de ONGs, combatendo e denunciando a violência, prestando serviços à população como o auxílio a desabrigados, entrega de roupas, alimentos e remédios a necessitados, além do auxílio à formação de moradias, com construção de casas populares em regime de mutirão. Tudo isso sem esquecer o culto, sem desconsiderar o estudo bíblico, sem perder o vigor e a emoção do louvor, sem postergar a conversão, adotando-se uma liturgia no templo que leva em consideração as características culturais dos grupos sociais a serem evangelizados, com a adoção de instrumentos musicais oriundos do folclore e musicalidade local, como o emprego de sanfonas, triângulos e zabumbas, nos cultos da Igreja, em algumas regiões do Nordeste do país. O modelo de Igreja assentada na realidade social, sem perder sua espiritualidade, é o marco diferenciador de uma igreja viva, de convívio e reflexão social, distante daquela igreja encastelada, hermética, de um só povo ou de uma só identidade, presos no templo por seu sectarismo étnico ou por seu conservadorismo, cultivado por um tradicionalismo estéril e distanciado da realidade cultural. Por vezes, a identidade comum

16 ZWETSCH, 2008, p. 153.

17 HOFFMAN, 2003, p. 19.

18 HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e a missão de Deus. Curitiba: Encontro, 2007. p. 26.

de um grupo religioso é construída através de sua intervenção no meio social.

Entre históricos e avivados: o protestantismo brasileiro em busca de uma identidade comum

O pietismo alemão entrou em conflito com a ortodoxia ao afirmar que somente os regenerados, os nascidos de novo, poderiam fazer uma autêntica teologia.[19] Já os ortodoxos, presos ao racionalismo, diziam que a teologia era uma ciência e, por isso, poderia ser escrita por qualquer pessoa capacitada, sem a necessidade de um novo nascimento. Ao enfatizar uma justa doutrina através de um viver correto – o que só ocorreria com os regenerados em Cristo – os pietistas do século XVII e de períodos posteriores achavam que o racionalismo da ortodoxia contribuía para uma atrofia do coração dos fiéis.[20] Lindberg informa que, apesar de o pietismo reconhecer a grande contribuição de Lutero, sobretudo na recuperação da fé como confiança na misericórdia de Deus, a ênfase dos pietistas na regeneração ou no novo nascimento espiritual contribuíam para se associar o pecado com as coisas do "mundo', enquanto que o verdadeiro crente, em batalha contra esse mundo pecaminoso, dava provas de sua conversão mediante um viver ascético, totalmente fiel aos ensinamentos das Escrituras, o que implicava, não raro, o surgimento de fundamentalismos.

Apesar de Hoffman entender que o Movimento Encontrão se encontra afastado da Missão Evangelizadora União Cristã (MEUC), cujos missionários oriundos da Alemanha ajudaram a promover avivamentos na comunidade luterana e a difundir no Brasil os princípios do pietismo alemão, o Encontrão hoje parece ter se integrado no mundo evangélico brasileiro, assumindo, não raro, características evangelicais. Entretanto, é inegável o legado do pietismo entre os segmentos mais avivados da IECLB.[21] Tanto isto é verdade que, até hoje, a experiência espiritual é altamente valorizada nos cultos encontristas, e tornou-se comum alguns crentes se autodiferenciarem de outros, que não teriam ainda "sido tocados pelo fogo do Espírito". Explicita-se, desta forma, uma das diferenças de concepções encontradas na igreja luterana, sobretudo nos cultos diferenciados no mesmo templo, onde luteranos mais tradicionalistas, adeptos da liturgia alemã, por vezes não se misturam com crentes mais avivados, partidários de uma renovação litúrgica, no âmbito de uma mesma comunidade.

Na verdade, assim como é prejudicial a distinção entre comunidades dos "mais avivados", separados daqueles ainda presos "às coisas deste mundo" (como se observa, em algumas circunstâncias, no ambiente de crentes do mundo pentecostal, em relação a fiéis de outras denominações mais históricas), a divisão no âmbito da IECLB entre crentes renascidos espiritualmente e aqueles ainda presos ao culto racional revela-se falsa no momento em que todo culto é simultaneamente espiritual e racional. Diferentemente do que pensa a doutrina pentecostal, acerca de certa instrumentalização dos dons do Espírito, como fundamento para a eclesiologia daquela confissão religiosa, o dilema do espiritualismo *vs.* racionalidade não deveria ser a maior das preocupações, que dificultam a integração entre fiéis na igreja luterana. Em nenhum dos segmentos luteranos estudados, sejam eles encontristas, históricos ou engajados socialmente e politicamente, como a PPL, houve grandes questionamentos quanto ao êxtase do arrebatamento religioso, como uma experiência singular e eminentemente pessoal e sagrada. É natural que tais experiências, vivenciadas individualmente, sejam até mesmo bem vindas na comunidade cristã, sobretudo se ocorrem em episódios de conversão genuína, durante a evangelização ou na realização do culto.

O desafio para a IECLB, e porque não dizer para o protestantismo brasileiro como um todo, é de como equacionar as diferenças, no sentido de manter coesa uma comunidade que abraça a mesma fé, o mesmo Deus e a mesma mensagem de Cristo, com as interpretações dadas pela teologia de Lutero. A operação de manutenção de uma coesão interna da Igreja é muito mais um dilema sociológico do que uma tarefa teológica, no momento em que não se avizinham cismas ou rupturas entre os membros da Igreja, face à revisão de uma determinada liturgia ou não. O dilema das

19 TILICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2004. p. 49.
20 LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 31.
21 HOFFMAN, 2003, p. 23.

comunidades que lidam com o pluralismo diz respeito a uma aguçada conscientização de pastores e obreiros, entre suas comunidades, da necessidade de discursos de tolerância e convivialidade que unam tanto crentes espiritualizados, avivados e emocionados com seu renascimento em Cristo, adeptos de um viver ético, com aqueles mais tradicionalistas, menos avivados, racionalizados, desejosos de uma manutenção litúrgica, e da preservação de valores culturais que remetem a sua origem germânica, tal como a participação em festas do Oktoberfest, jantares e programas culturais, que remetem muito mais às manifestações populares, típicas de contextos históricos e culturais, como o carnaval no Brasil, do que a eventos singularmente religiosos. Talvez a busca de uma identidade comum, devidamente compartilhada, seja dada através da questão social, e da reflexão que o papel social da Igreja remete à participação de várias mãos, da ação conjunta de muitos trabalhadores, sem distinção de graça ou de novo nascimento. Sejamos todos pescadores de homens, como diz a palavra sagrada no Evangelho, a partir de Mateus 4.19, assim como o reino dos Céus seja como uma rede, apanhando todo tipo de peixes, como é descrito na parábola de Mateus 13.47. Nesse sentido, uma igreja socialmente engajada é uma igreja coesa e comprometida com a obra de Deus, unindo tanto justos quanto pecadores, na concretização do Reino.

Considerações finais

Apresentada como uma federação de interesses e posições teológicas, sob uma mesma roupagem confessional, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil há tempos deixou de ser marcada tão-somente como uma igreja étnica, do Sul e Sudeste do país, supostamente distanciada de uma identidade genuinamente nacional.

Os desafios que se apontam para a IECLB, como uma das mais marcantes representantes da comunidade luterana no Brasil, dizem mais respeito a sua unidade enquanto igreja, superados todos os cismas e as falsas dicotomias que, erroneamente, separam crentes mais avivados ou carismáticos daqueles considerados históricos, ou rotulados como ortodoxos, tradicionalistas e racionalistas. O papel dos movimentos engajados, como a PLP não podem ser esquecidos, e nem a contribuição teológico dos segmentos históricos herdeiros da Reforma.

A dimensão socioprofética do discurso religioso, identificando as mazelas da sociedade a partir da reflexão teológica, e o papel do movimento missionário no seio da Igreja, talvez seja uma das saídas para o dilema quanto à identidade religiosa da comunidade luterana e possível fator de unificação de segmentos teológicos distintos no âmbito da IECLB. A igreja luterana é uma das instituições eclesiásticas mais antigas no território brasileiro, e uma das que mais se organizou em paróquias. Entretanto, a ausência de uma maior inserção nacional e até mesmo certo desconhecimento de algumas comunidades nos rincões do país acerca da existência dessa igreja, não pode ser justificada tão-somente pelo argumento do isolacionismo cultural de uma igreja preocupada com a manutenção de sua identidade germânica. Na verdade, talvez a ausência de uma reflexão maior sobre a intensidade e importância dos movimentos de avivamento no interior da Igreja, e a compreensão desse fenômeno como algo que não redunde, necessariamente, em fundamentalismo, possa levar a uma maior conscientização social. O fim dos sectarismos pode ser vislumbrado como um dos temas que podem ser levados à discussão acerca do futuro da Igreja, e de quais serão os rumos a serem desenvolvidos pela Igreja, no âmbito de uma modernidade tardia, em países do continente latino-americano como o Brasil, na era de uma sociedade globalizada e cosmopolita, como é a atual comunidade global do século XXI, que necessita, mais do que nunca, de crentes engajados na propagação da mensagem de Cristo.

[Recebido em: julho 2009 e
aceito em: setembro 2009]